

PESSOA: ALMA VIVENTE. CRÍTICA AOS DUALISMOS CARTESIANO E ESTRUTURAL

THE SELF: A LIVING SOUL. A CRITIQUE ON CARTESIAN AND STRUCTURAL DUALISM

Gerson Joni Fischer¹

Resumo

Há um Eu que controla a sua própria casa, o corpo? É possível, com base nos conhecimentos acerca do cérebro, assumir o ser humano como uma máquina biomolecular que funciona de modo determinado? Há consenso de que é por meio do cérebro que ocorrem os processos mentais; não na alma, como no dualismo clássico. Pode-se, entretanto, reduzir ao pequeno órgão cinzento a explicação pela emergência da vida consciente? Reduzir o entendimento do evento contribui para a defesa do valor do humano, para uma compreensão deste como responsável por suas decisões e atos? A pessoa é um mistério não decifrado. Critica-se o conceito de pessoa que imperou na modernidade, mas também o uso totalizante do princípio de causa e efeito. A presente abordagem recebe o humano como uno e dual. O cérebro e a mente surgem como fatos distintos, porém, indivisíveis. Pessoas *não possuem*, *são* almas viventes. O atual estágio dos debates sugere que o dualismo cartesiano e o monismo reducionista não se apresentam como alternativas. É a pessoa toda quem percebe, pensa, recorda, se emociona, se motiva, é atenta e produz impulsos. A vida diária revela que se é tudo isto que se apresenta de modo inseparável. O diálogo proposto põe-se a serviço das refinadas descobertas acerca da anatomia e da fisiologia do cérebro e do uso ético destas, bem como da afirmação do ser humano, que as transcende. Sob o ponto de vista da tradição bíblica, o testemunho de Deus jamais é dualista, fazendo-se perceptível sempre de modo encarnado.

Palavras-chave: Dualismo cartesiano. Criptocartesianismo. Pessoa. Religião.

Abstract

Is there a Self who controls its own dwelling, the body? Is it possible, based on what is known about the brain, to perceive the human being as a biomolecular machine that functions in a certain manner? There is consensus that mental processes occur in the brain; not in the soul as in classic dualism. Is it possible, however, to abbreviate the explanation of the emergence of conscious life to the small grey mass? Does minimizing knowledge of this event contribute to defending the value of the human being and to comprehending that he is responsible for personal decisions and acts? The self is a mystery to be deciphered. There is criticism of the

¹ Mestre e Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo (RS). Realizou pesquisa pós-doutoral em Berlim, Alemanha, de abril a novembro de 2010. Ênfase da pesquisa: neurociências e neurofilosofia. Local da Pesquisa: Humboldt University of Berlin. Apoio: Dr. José Raimundo Facion. Bolsa fomento: Evangelische Kirche in Deutschland (EKD). É professor no Mestrado Profissionalizante e no Bacharel em Teologia (EaD) das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Curitiba, PR. Endereço eletrônico: gerson.trabalhos@gmail.com

concept of the self which prevailed in modern times, but also, that of the holistic use of the principle of cause and effect. The present approach views the human being as single and dual. The brain and the mind emerge as distinct, yet indivisible factors. Persons do not *have*, but rather, *are* living souls. In their current stage, debates suggest that Cartesian dualism and reductionist monism are not presented as alternatives. It is the self as a whole who perceives, thinks, remembers, feels, is motivated, attentive and produces impulses. Daily life reveals that one *is* all of these things which are presented in an inseparable manner. The proposed dialog shows itself in favor of the refined discoveries regarding brain anatomy and physiology and their ethical implications. It is supportive of the affirmation of the self which transcends these discoveries. Under the light of Biblical tradition, the testimony of God is never dualistic. It is always made to be perceived as incarnate.

Keywords: Cartesian dualism. Cryptocartesianism. Self. Religion.

Introdução

Há um Eu que controla a sua própria casa, o corpo? Existe uma alma, de substância específica, que rege o corpo, enquanto matéria extensa? A discussão não é nova. Trata-se de um tema corrente entre estudiosos do cérebro desde o século XVIII, mas que, de modo especialmente intenso, se encontra em disputa desde fins do século XX, como resultado de pesquisas recentes acerca da anatomia e fisiologia do pequeno órgão cinzento no interior da abóbada craniana. No âmbito da filosofia o assunto vem sendo debatido nos domínios da Filosofia do Espírito, na busca por respostas para o clássico problema da relação entre corpo e alma; hoje nominado de “problema cérebro e mente” em função dos questionamentos levantados nas neurociências. (FISCHER; FACION 2011, p. 291-293). Verifica-se, nas publicações que a esse respeito se multiplicam, o esforço em superar uma das fronteiras mais sensíveis do conhecimento, ainda não satisfatoriamente sujeitas à lei da física de causa e efeito: o humano. O dualismo cartesiano de corpo e alma já não encontra aceitação entre os pensadores ativamente envolvidos neste objeto de pesquisa.

Indaga-se, contudo, se é mesmo possível reduzir o conceito de pessoa a um entendimento que a situa como uma espécie de máquina biomolecular, comportando-se de modo determinado. Apesar de não mais se sustentar a existência de uma alma que, de modo distinguível, interage com o corpo como sua extensão, uma vez que jamais foi localizada, é objetivo do presente trabalho argumentar que esta não pode ser negada enquanto expressão da própria existência; um fenômeno que atribui sentido à mesma. Empresta-se um conceito defendido por inúmeros cientistas da natureza e filósofos da

atualidade, a saber, de uma causalidade aberta (DROSSEL, 2013) que integra a dimensão teleológica na compreensão do ser humano (NAGEL, 2013), sua busca permanente de sentido.

Entre o dualismo de substância e o cartesianismo oculto: problemas não solucionados e os riscos do reducionismo materialista

Há acordo de que é por meio do cérebro que ocorrem os processos conscientes e inconscientes; não por meio de uma suposta alma que rege o corpo enquanto uma espécie de órgão soberano, a exemplo do conceito de mente de Descartes. (FISCHER, 2013, p. 64-76). John C. Eccles é considerado o último neurobiólogo de maior expressão a defender, ainda em fins do século passado, o dualismo clássico de corpo e alma. (FISCHER, 2013, 72-74; ECCLES, 1997). Desde os experimentos de Benjamim Libet na década de 80 do último século, generaliza-se a percepção de que o dualismo cartesiano não pode ser mantido enquanto uma hipótese racional. (LIBET, 2004, p. 268-289; FISCHER; FACION, 2011, p. 300).

O modelo explicativo de funcionamento do cérebro em rede embasa a teoria de que uma complexa comunicação neural, herdada pelas gerações de seres humanos ao longo do processo evolutivo e em permanente desenvolvimento, é a responsável pelo fenômeno mental; a saber, a percepção, o pensamento, a memória, a emoção, a motivação, a atenção, o impulso, entre outras. A ideia em uso é a de que há um *continuum* entre cérebro e mente, integrado ao todo do corpo, inserido e também impulsionado pelo ambiente externo. (MORA, 2004). Opõe-se veementemente ao ideário de alma pelo fato de não poder sua existência ser provada pelo método que rege as ciências empíricas, ou seja, a causalidade. (FISCHER, 2013, p. 64-76; BECKERMANN, 2008, p. 9-53).

Prossegue sem resposta, porém, a pergunta sobre como emerge o fenômeno da consciência da base cerebral de um ser humano. Até o presente não se demonstrou como impulsos neurais transformam-se em realidades mentais. O fato é que se pode constatar uma dose elevada de pretensão quando o assunto é conceituar o que é a pessoa dispondo-se apenas dos

conhecimentos disponíveis acerca do funcionamento do cérebro. É difundida a mensagem que tudo será elucidado, inclusive a impossibilidade da liberdade de escolha e ação, bastando que se invistam ainda outros milhões em pesquisa. (TRETTER; GRÜNHUT, 2010, p. 35). O que se afere é que rejeitar o dualismo cartesiano de substâncias não garante que o pensamento no que diz respeito à compreensão do mistério que transforma um ser em pessoa se unifique.

Entre os inúmeros debates e publicações a respeito da temática vem-se verificando a manutenção da estrutura de pensamento que caracteriza o dualismo cartesiano. Em outros termos, prossegue-se argumentando com base em um modo de raciocinar polarizado, a exemplo do binômio cérebro e mente; apresentando-se apenas como um substituto de seu antecessor, corpo e alma. (FISCHER, 2013, p. 76-85). A crítica que se estende a, entre outros, neurobiólogos e a filósofos naturalistas é que praticam um dualismo oculto (criptocartesianismo), ou seja, quando o esforço envolve a redução de toda a realidade humana à sua base neural. Destacam-se, entre os críticos, Maxwell Bennett, Peter Hacker (BENNETT et al., 2010), Thomas Nagel (2013) e Peter Janich (2009), fazendo-se uma menção literal desta contestação vinda do neurobiólogo Bennett:

Eu *tenho* um corpo e estou *no* crânio de meu corpo. Esta é uma variável materialista do cartesianismo. Um motivo central, devido ao qual escrevemos nosso livro, é a firme convicção de que os neurocientistas modernos bem como muitos filósofos ainda permanecem na ampla e escura sombra de Descartes. Pois embora recusem a substância imaterial da alma cartesiana, transportam suas características sobre o cérebro humano, com o que deixam intacta por inteiro a equivocada concepção cartesiana da relação entre alma e corpo. Nossa recomendação dirige-se no sentido de que os neurocientistas e também os filósofos abandonem o domínio da sombra cartesiana e procurem a luz do sol aristotélica, na qual se pode enxergar muito melhor. (BENNETT et al., 2010, p. 230).

No que reside esta diferença entre o cartesianismo clássico de corpo e alma do ocultado, isto é, do discurso cérebro e mente? Por que a pretensa mudança não soluciona o problema do dualismo referido à compreensão de pessoa? Ansgar Beckermann, pensador adepto da teoria naturalista materialista, argumenta que somente é possível prosseguir falando na existência de um eu escrito em letras minúsculas (2008). Isto porque em sua dedução filosófica inspirada nos atuais conhecimentos acerca do funcionamento do cérebro os “seres humanos [...] são integralmente entes

biológicos, nada contribuindo na observação destes a algo que leve a supor a existência de uma alma criada à imagem e semelhança de Deus, imaterial, imortal e que sobrevive à morte do corpo.” (FISCHER, 2013, p. 64). De modo que, nesta linha de raciocínio, mencionar um Eu iniciado em letra maiúscula, corresponderia a continuar admitindo a existência de uma alma, enquanto substância distinta habitando um corpo. Não se nega que os seres humanos possuam aptidões mentais, que sejam capazes de constituir uma imagem do mundo e de si mesmos, entretanto, rejeita-se a ideia de haver almas, ‘eus’ ou ‘sis’, formando o núcleo destes. (BECKERMANN, 2008, p. 85-86).

A tese que reduz a pessoa à sua realidade anatômica e fisiológica não nega a mente, a consciência em suas distintas manifestações, procurando um caminho que harmonize determinismo com liberdade de escolha e ação. Trata-se de uma orientação que se sujeita à lei de causa e efeito que orientam as buscas de compreensão do comportamento da matéria, também quando esta se refere ao organismo humano. (FISCHER, 2013, p. 64-76). Porém, esta é a crítica, mantém-se nesta linha de pensamento uma estrutura tipicamente dualista. Afinal, como emerge a consciência do substrato neural? (FISCHER; FACION, 2011, p. 293-298; FISCHER, 2013, p. 76-85). Reduzir o entendimento de quem é a pessoa não contribui para a defesa de seu valor, enquanto ser livre e responsável por suas decisões e atos. Não seria este dualismo camuflado de monismo uma expressão contemporânea de uma cultura desencantada com a moral cartesiana moderna do dever? A reflexão encontra-se inserida em um campo de saber relativamente novo e relacionado com a bioética, nominado de neuroética (FISCHER; FACION, 2011, p. 298-300; FISCHER, 2013, p. 85-87; GEYER, 2004, p. 9-19).

Pessoa: um mistério não decifrado e em permanente desvelar

A pessoa se constitui em mistério não totalmente decifrável, ente em permanente desvelar. A aproximação à mesma, independente da ótica de análise, demanda experiência e conhecimento. Em termos figurativos, envolve uma viagem que é marcada por um início, porém, que nunca tem fim. Exige, ademais, que se integre um conceito de complementariedade, exemplificado

com o que ocorre em relação à rotação da Lua e no que diz respeito à luminosidade solar que reflete sobre a sua superfície. O que em um dado tempo e espaço dela se pode enxergar, a partir da Terra, é somente a face que se encontra iluminada. Esta, contudo, em processo contínuo, volta à escuridão, na medida em que se revela o que ainda permanecia em trevas. A pessoa é este complemento de, por assim dizer, dupla face, enigma e conhecimento, em processo de saída e chegada permanente. (ESPINOSA, 2008, p. 17-21).

Crítica-se o conceito de pessoa que imperou na modernidade, isto é, o dualismo de substância cartesiano. Porém, também o dualismo que se esconde por trás do discurso naturalista e materialista de cérebro e mente, uma vez que mantém a estrutura do pensamento de Descartes; apenas supostamente encontra-se explicado pelo princípio da causalidade. Em meio à suas reflexões sobre a intencionalidade da mente, o filósofo John Searle reconhece que o tema em debate se encontra imerso em confusão e desacordo. (2006, p. 353-355). Afirma que, ao invés de se deixar ditar pelos métodos existentes, o tempo presente deveria ser de discussão. Mas apesar de sua disposição dialógica, afirma que “processos cerebrais causam a consciência em todas as suas formas.” (SEARLE, 2006, p. 354); axioma este que leva “em conta a compreensão de que o cérebro é a única coisa lá dentro, e que o cérebro causa consciência...” (SEARLE, 2006, p. 354). Em outros termos, o suporte estrutural prossegue sendo dualista.

Não é esta a percepção e compreensão que se postula na presente comunicação. A recomendação de Maxwell Bennett é mais uma vez retomada, isto é, de que neurocientistas, bem como filósofos, se afastem da “sombra cartesiana” e busquem a “luz do sol aristotélica”, pois nesta se pode ver melhor. (BENNETT et al., 2010, p. 230). A perspectiva é aquela que assume a alma humana como a vida que se manifesta no corpo, ou melhor, a pessoa não *tem* alma, é alma vivente. No “modelo aristotélico clássico, o corpo seria a matéria e a vida, a forma.” (FISCHER; FACION, 2011, p. 301). Eu “...*sou* tudo isto que se apresenta como realidade inseparável” (FISCHER, 2013, p. 79); não há porque não considerar o “Eu” iniciado em letra maiúscula. Assume-se a seguinte declaração paradoxal: “a mente é [...] nem uma substância diferente do cérebro, ainda com o cérebro idêntica.” (BENNETT et al., 2010, p. 19).

Searle, a exemplo de muitos neurobiólogos e filósofos, não se conforma com esta adequação, entendendo que se trate de um modo tolo de discutir sobre a pessoa, pois a assume sem explicação. (BENNETT et al., 2010, p. 139-175). É isto, entretanto, que se afirma, ou seja, o ser humano é um mistério a “ser abraçado”; experiência e conhecimento, complementaridade nos limites do enigma e do desvelamento.

A consideração é que o humano é uno e dual, ou melhor, unidual. O cérebro e a mente, ou melhor, o corpo e a alma, surgem como fatos inseparáveis. À luz das referências arroladas, argui-se que o estágio atual dos debates em torno do tema não oferece condições de sustentação ao monismo reducionista e, isto, enquanto alternativa à justa crítica feita ao dualismo cartesiano.

Considerações finais

As considerações finais sinalizam a demanda por reflexões que associem a presente comunicação temática ao horizonte do pensamento em torno da religião. Em seu propósito fundamental de religar relacionamentos destituídos, ela se propõe a promover a dignidade humana como um valor transcendente; seu discurso possui uma dimensão ética; neuroética, a considerar o assunto discutido. Enquanto tal, basilar é que somente uma visão integral de pessoa, nem dualista, nem reduzida, pode de fato contribuir para este intento de reconciliar tudo o que insistentemente se divide e fragmenta.

Filósofos e pensadores contemporâneos dos mais diversos argumentam que não mais é possível prosseguir sustentando uma visão de mundo destituída de sentido. A natureza, de um modo geral, os animais e, especialmente, os seres humanos, exalam, por assim dizer, sentido, ou melhor, no caso dos últimos, buscam-no permanentemente (NAGEL, 2013). Ainda que para vários destes inquiridores deva-se encontrar na própria natureza as normas que regem tal dimensão teleológica, para as religiões tal fato revela uma consciência enquanto “prova da ‘imagem e semelhança a Deus’ no homem, colocando-o claramente acima dos animais.” (MÜLLER, 2013, p. 38). A pessoa é alma vivente corporificada, apropriando-se aqui do testemunho cristão acerca da encarnação do próprio Deus: “Aquele que é a Palavra tornou-

se carne e viveu entre nós.” (BÍBLIA SAGRADA: nova versão internacional. João 1.14a).

A intenção de por em diálogo ciência e fé não deveria ter por alvo uma espécie de encantamento do mundo. Não seria admissível considerar todos os objetos de pesquisa, especialmente quando se trata do esforço para compreender o enigma do humano, em uma perspectiva de causalidade aberta? Afinal, são pessoas que percebem, pensam, recordam, se emocionam, se motivam, decidem e agem, não seus cérebros. Conclui-se a presente reflexão com duas citações provocativas da física cristã Bárbara Drossel e que sintetizam a posição assumida na presente comunicação:

Diante do fato de que as leis da natureza não fixam, por completo, o que transcorre no Universo, Deus pode agir no mundo sem que, com isso, viole continuamente as leis criadas por ele mesmo. Isto significa que o Universo é “aberto casualmente”. A propósito, isto é semelhante às ações de nós seres humanos no mundo. Quando pensamos de modo lógico ou quando tomamos decisões, em nossas células cerebrais se desenvolve muita atividade elétrica. A distribuição exata desta atividade no espaço e no tempo não é, de antemão, quantificável e envolve uma mecânica quântica aleatória. Não há razão alguma para aceitar que, quando pensamos, alguma lei da natureza esteja sendo destruída. No entanto, se nossa atividade cerebral fosse, por completo, determinada, não poderíamos agir de modo livre, pois seríamos, antes, inteiramente definidos por meio do estado de nosso cérebro e do mundo material, do qual provêm suas impressões. O filósofo Karl Popper argumenta em seu livro “O Universo aberto” a favor de uma abertura causal do mundo. Este é um pressuposto para que, nas atividades que nele se desenvolvem, possam haver seres inteligentes. (2013, p. 29-30).

Devido ao fato de que a fé e a ciência lidam com perguntas distintas, elas têm suas respectivas áreas de responsabilidade. À responsabilidade da ciência pertence a coesão interna do mundo, a saber, a descrição dos processos na natureza por meio das leis de causa e efeito e a busca dos princípios gerais por trás dessas leis. Assim, as ciências naturais estabelecem a pergunta pelo ‘como’. O domínio da fé cristã, no entanto, é a revelação e o plano de salvação de Deus. Trata-se das perguntas pelo ‘quem’ e ‘por que’. Como salientamos anteriormente, a fé está preocupada com a explicação “pessoal” do mundo, sua origem e destino. Ela lida com os propósitos de Deus, seus critérios de valor e seu amor para com o ser humano. Se as responsabilidades da fé e da ciência forem confundidas chega-se a uma ultrapassagem de fronteiras, nas quais cientistas consideram poder dizer algo sobre o significado (ou falta de sentido) do Universo, e pessoas religiosas acreditam serem capazes, com base nas doutrinas bíblicas, deduzir algo sobre as condições da natureza. (2013, p. 33).

Referências

BECKERMANN, A. **Gehirn, Ich, Freiheit**. Neurowissenschaften und Menschenbild. Paderborn: Mentis, 2008.

BENNETT, M., et al. **Neurowissenschaft und Philosophie**. Gehirn, Geist und Sprache. Berlin: Suhrkamp, 2010.

BÍBLIA SAGRADA: nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000.

DROSSEL, B. **Und Augustinus traute dem Verstand**. Warum Naturwissenschaft und Glaube keine Gegensätze sind. Brunnen Verlag: Giessen, 2013.

ECCLES, J. C. **Wie das Selbst sein Gehirn steuert**. 2. ed. München: Piper, 1997.

ESPINOSA, N. A. Apresentação. In: HERNÁNDEZ, C. J. **La reflexión filosófica-teológica y el ejercicio clínico como actividades complementarias em la práctica psiquiátrica**: uma interpretação del “pensamento para la psiquiatria” del Profesor Doctor Juan Ramón Sepich-Lange: 1905-1978. Posadas: EDUNaM, 2008, p. 17-21.

FISCHER, G. J. A pessoa: fenômeno causal ou espontâneo? Exame crítico das objeções de Ansgar Beckermann à existência da alma. **Revista Pistis Praxis**, v. 5, n. 1, p. 59-90, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis>

FISCHER, G. J.; FACION, J. R. Uma nova imagem de pessoa? Neurociências e filosofia: possibilidades e limites. **Revista Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 288-303, 2011.

GEYER, C. Vorwort. In: GEYER, C. **Hirnforschung und Willensfreiheit**. Zur Deutung der neuesten Experimente. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004, p. 9-19.

JANICH, P. **Kein neues Menschenbild**. Zur Sprache der Hirnforschung. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2009.

LIBET, B. Haben wir einen freien Willen? In: GEYER, C. (Ed.). **Hirnforschung und Willensfreiheit**. Zur Deutung der neuesten Experimente. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004, p. 268-289.

MORA, F. **Continuum**: como funciona o cérebro? Porto Alegre: Artmed, 2004.

MÜLLER, K. W. **A consciência na cultura e na religião**: vergonha e culpa como fenômeno empírico do superego/eu ideal: manual de elêntica. Curitiba: Esperança, 2013.

NAGEL, T. **Geist und Kosmos**. Warum die materialistische neodarwinistische Konzeption der Natur so gut wie sicher falsch ist. Suhrkamp Verlag: Berlin, 2013.

SEARLE, J. R. **A redescoberta da mente**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TRETTETTER, F.; GRÜNHUT, C. **Ist das Gehirn der Geist?** Grundfragen der Neurophilosophie. Göttingen – Bern – Wien – Paris – Oxford – Prag – Toronto – Cambridge, MA – Amsterdam – Kopenhagen – Stockholm: Hogrefe, 2010.